

O lado menos visível do fiasco na pandemia | José Casado

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

José Casado: Avanço da pobreza e da fome é o lado menos visível do fiasco na pandemia #VEJAColunistas. José Casado: Avanço da pobreza e da fome é o lado menos visível do fiasco na pandemia VEJAColunistas Pobreza e fome avançam: descontrole na gestão da pandemia degrada a estrutura social brasileira em ritmo muito mais acelerado do que o avanço da Covid-19 José Casado Atualizado em 15 Maio 2021, 09h06 - Publicado em 15 Maio 2021, 09h00 Arroz-com-feijão, o básico: comida cara e mais escassa no prato reflete o descontrole na gestão da pandemia, com falência do sistema de saúde combinada à falta de política estável para mitigação dos efeitos sócio-econômicos // Dias Lopes/Divulgação Tasso Jereissati se coloca como opção do PSDB para a Presidência em 2022 Ex-BBB Gil é alvo de ataque homofóbico de conselheiro do Sport e desabafa: "Machuca muito" Luana Tolentino: Escolas privadas devem assumir compromisso com uma educação antirracista Publicidade Publicidade Em agosto do ano passado, o Brasil mantinha 9,5 milhões de pessoas vivendo na extrema pobreza, segundo a Fundação Getulio Vargas. Na época, contavam-se 121 mil mortos na pandemia. Seis meses depois, o número de pessoas na linha de pobreza havia aumentado 184%. Somou 27 milhões, calculou a FGV em fevereiro. A mortandade avançou 110% nesse período, chegou a 221 mil vítimas no início da segunda "onda" pandêmica, que ainda não terminou. Os dados sugerem que o descontrole na gestão da pandemia está degradando a estrutura social brasileira num ritmo muito mais acelerado do que o avanço da Covid-19. headtopics.com Significa que o país estará muito mais fragilizado quando acabar a pandemia. Principalmente, no Norte e no Nordeste, onde se vivem 70 milhões dos 212 milhões de brasileiros. Antes da pandemia, um de cada quatro habitantes dessas regiões sobrevivia com renda média inferior a R\$ 260,00 por mês — equivalente a um quarto do salário mínimo. A inflação dos alimentos agravou esse quadro. Nos doze meses contados até março, os preços dos produtos alimentícios subiu 11,7%, tendo-se como referência o Índice de Preços ao Consumidor (IPC). Continua após a publicidade O impacto na renda domiciliar é grande para ampla maioria, porque gastos com alimentação consomem cerca de 60% dos orçamentos das famílias. Comida cara e mais escassa no prato reflete o descontrole na gestão da pandemia, com falência do sistema de saúde combinada à falta de política estável para mitigação dos efeitos sócio-econômicos. O feijão-com-arroz, básico na mesa brasileira, é caso exemplar. A saca de arroz custava em média R\$ 62,00 em julho do ano passado e agora não é vendida por menos de R\$ 85. O feijão estava no patamar de R\$ 300 e subiu para R\$ 350. headtopics.com Áudios inéditos de entrevista a VEJA mostram contradições de Wajngarten Nova leva de juristas pede ao STF interdição de Bolsonaro Países ricos devem doar vacinas em vez de imunizar jovens, diz OMS Nessa etapa de pandemia, escassez e preços altos, seria natural a atuação do Estado como regulador do mercado. Foi precisamente para isso que há três décadas, no governo Fernando Henrique, criou-se a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) com a função de formar estoques reguladores de alimentos básicos, em parte comprados de pequenos produtores. A Conab virou item de negociação no loteamento partidário de sucessivos governos — na versão atual, o bolsonarismo chama isso de "acordo" com o Centrão. A Conab perdeu 27 armazéns, mas permanece no mapa das empresas estatais. Esvaiu-se na função de reguladora de estoques. Na última década, os estoques de alimentos do setor público foram reduzidos em 96% (média anual). Esse organismo público, instituído para mitigar efeitos de grandes oscilações de preços no mercado de alimentos, começou o segundo ano da pandemia sem feijão e com uma ínfima porção de arroz (21,1 mil sacas) nos seus depósitos, mostrou ontem o repórter Claudio Conceição, do portal Ibre-FGV. O avanço da fome entre os mais pobres está semi-oculto. Por enquanto, é o resultado menos visível do fiasco administrativo na pandemia. No Senado há

quem aposte que, adiante, o assunto vai emergir na agenda da CPI da Pandemia. E será tema inevitável nas eleições do próximo ano. headtopics.com Consulte Mais informação: VEJA » Como foi a Grande Colômbia, a ambiciosa república que deu lugar a 4 países da América Latina - BBC News Brasil Entenda como grande projeto de país de Símon Bolívar fracassou. "A economia a gente vê depois." A política do FIQUE EM CASA cobrando sua conta agora. Não foi por falta de aviso ? E enquanto isso, um monte de jumentos preocupados e tristes com "Bruno Covas", que aumentou seu próprio salário em mais de 30%, cortou o benefício de passagem gratuita dos idosos, deixou e ainda deixa hospitais públicos de SP em estado de precariedade, etc! Pq a redação da veja usa o perfil da empresa como diário pessoal?

Imprensa brasileira: "FIQUE EM CASA, A ECONOMIA A GENTE VÊ DEPOIS"

BolsonaroPresidenteAte2026 Me lembro de alguém ter advertido sobre isso bem lá no começo! Vcs lembram quem foi

